

Revista Brasileira de Cartografia (2016), Nº 68/3: 495-504
Sociedade Brasileira de Cartografia, Geodésia, Fotogrametria e Sensoriamento Remoto
ISSN: 1808-0936

A RELAÇÃO DO MÉTODO DIALÉTICO COM A CAPACIDADE DA CRIANÇA DE UTILIZAR CERTO NÚMERO DE SÍMBOLOS PARA PRODUZIR MAPA

The Relation of the Dialectical Method with The Child's Capacity to Produce Maps Through Symbols

Mafalda Nesi Francischett

Universidade do Oeste do Paraná- UNIOESTE
Departamento de Geografia
Rua Maringá, 1200 - Francisco Beltrão/PR – CEP 85605-010, Brasil.
mafalda@wln.com.br

Recebido em 21 de Agosto, 2015/ Aceito em 11 de Janeiro, 2016
Received on August 21, 2015/ Accepted on January 11, 2016

RESUMO

Este artigo resulta de proposta inicial de projeto, que está em andamento, com apoio da Fundação Araucária do Paraná, com propósito de elucidar problemas existentes em decorrência da falta de relação entre o material didático público disponibilizado e a especificidade das situações de ensino da linguagem cartográfica nas escolas no decorrer da abordagem dos conteúdos específicos de Geografia, especialmente nos anos finais do ensino fundamental. A orientação pedagógica do projeto está pautada nas Diretrizes Curriculares Estaduais de Geografia da Educação Básica do Estado do Paraná, considerando os Conteúdos Estruturantes de Geografia para o nono ano Ensino Fundamental II. Os principais sujeitos da pesquisa ora proposta são os respectivos professores de Geografia, atuantes no referido ano escolar e os dados recolhidos constituem a base deste texto. A proposta original é mais abrangente e tem o propósito de aproximar e intensificar a relação entre a educação no Ensino Fundamental com a do Ensino Superior, como forma de constituir uma base de metodologia de ensino de Geografia por meio da linguagem cartográfica. O processo se desenvolve em duas fases principais, sendo que, neste caso se trata da primeira, consiste na coleta de dados e na elaboração de um diagnóstico da realidade, por meio de questionários e de entrevistas com os professores de Geografia, com o intuito de detectar dificuldades e problemas enfrentados para ensinar Geografia. A segunda etapa do projeto consistirá na elaboração e apresentação do material.

Palavras-chave: Cartografia escolar. Geografia. Ensino Fundamental.

ABSTRACT

This article is the result of the project, which is in progress, with the support of Fundação Araucária do Paraná, with purpose to elucidate problems arising from the lack of relation between the materials available and the teaching of cartographic language in schools during the approach of the specific contents of Geography, especially in the late of elementary school. The project is based in the Guidelines of State Education Geography Curriculum Basic in Paraná, considering the geography of Contents for the ninth year Teaching Elementary II. The main actors of this study are the geography teachers and the collected data will form the basis of this text. The proposal is broader and intends to intensify the relation between education in elementary education with higher education, in order to provide a basis of

Geography teaching methodology through cartographic language. The process will be developed in two main phases. This study is the first phase and consists of collecting data and developing a diagnosis of reality through questionnaires and interviews with the Geography teacher for the purpose of detecting difficulties and problems to teach geography. The second stage of the project will be the preparation and presentation of the material.

Keywords: School Cartography, Geography, Elementary School.

1. INTRODUÇÃO

O teor desta proposta de pesquisa, engloba alguns aspectos que se apresentam neste texto. Ela se justifica e considera a educação na perspectiva de Vygotsky (2001), em especial porque este pensador e pedagogo ressalva que a educação está relacionada ao crescimento e desenvolvimento do sujeito. E, que a educação somente pode ser definida como uma ação racional, planejada, premeditada e consciente. Portanto, uma forma de intervenção nos processos de crescimento natural dos sujeitos (infantes, adolescentes ou mesmo adultos).

Sabe-se que uma literatura sobre educação bem selecionada é subsídio importante para a formação de educadores qualificados, pois esses escritos são resultado de notáveis experiências humanas na área. Principalmente quando se trata de pensadores que, por suas ações e por seus escritos, atuaram nas mentes, nas emoções, nos sentimentos, ou melhor, no espaço interior dos sujeitos educandos e na formação de sua consciência de mundo com validade para suas vidas inteiras. Para Bakhtin (2002) a literatura costuma representar (para manter ou para alterar) a realidade da organização socioeconômica das comunidades humanas e as respectivas relações ideológicas decorrentes.

Compreende-se que decorre grande responsabilidade para os agentes sociais (administradores educacionais e professores) que decidem pela inclusão e uso destes ou daqueles livros literários, paradidáticos e didáticos nas escolas. Vale dizer que a escolha de uns livros ou de outros pode tanto direcionar a mente dos professores e dos alunos para manter ou para romper as relações sociais existentes.

Na Geografia, essa escolha de literatura didática incide sobre as opções de entendimento da questão do espaço geográfico, no contexto local e global. Isso já começa a ocorrer, nos currículos escolares, desde as primeiras séries no Ensino Fundamental. Nessa literatura

necessariamente se incluem também as cartilhas, as revistas, os álbuns e os atlas, embora sejam considerados materiais apenas paradidáticos.

Nos livros didáticos públicos, propriamente ditos, as matérias são organizadas de acordo com o currículo escolar oficial e essas matérias são didaticamente trabalhadas sempre em horário escolar oficial — o que não ocorre com os materiais paradidáticos, manipulados mais na vida domiciliar dos estudantes.

No ensino de Geografia, geralmente, costuma ocorrer uma priorização, qual seja a de que os alunos possam conhecer e compreender, de modo integrado e sistêmico, as noções básicas relacionadas à localização e à orientação do seu local vivido, do seu município e da sua região. De modo que, com esse conhecimento e compreensão, os alunos possam adotar novas posturas na escola, em casa e na comunidade, que isso os leve a interações construtivas e cognitivas. Isso equivale a dizer que há ou que deve haver uma priorização pela aprendizagem de uma competente linguagem geográfica, a partir dos livros didáticos e paradidáticos, em especial.

Assim, para ensinar as representações cartográficas, os professores se valem de muitos atributos da realidade circundante fixados em determinada linguagem, como é o caso dos símbolos geográficos para transmitir informações, pois símbolos sempre são importantes elementos de uma determinada literatura ou linguagem. É importante salientar que, conforme consta nos PCNs (1991) a escola precisa criar oportunidades para que os alunos construam conhecimentos sobre essa linguagem nos dois sentidos: como sujeitos que representam e codificam o espaço e como leitores das informações expressas por ela.

É possível perceber que o estudo da linguagem cartográfica vem, cada vez mais, reafirmando sua importância desde o início da escolaridade oficial das crianças. Essa linguagem contribui não apenas para que os alunos compreendam os mapas, mas para desenvolver

capacidades relativas à representação do espaço, tendo em vista seu caráter semiótico. E, quando se trabalha as relações topológicas, no início da escolarização, já é o momento onde se prepara o aluno para compreender os conceitos das direções cardeais.

Tudo isto é muito importante, mas se for embasado em método de ensino e aprendizagem claro para quem ensina.

2. MÉTODO E METODOLOGIA

Proposto por Marx (1983), o materialismo histórico consiste num método de interpretação histórica fundamentado em fatores socioeconômicos e na perspectiva antropológica que concebe a natureza humana edificada por relações de trabalho e produção que os homens estabelecem entre si, objetivando a satisfação de suas necessidades. Nessa perspectiva, o materialismo histórico estabelece que os fenômenos intelectuais, artísticos, políticos e jurídicos formam uma superestrutura que é determinada, em última instância, pela infraestrutura econômica. Ou seja, é histórico porque concebe a formação da infraestrutura e do modo de produção como historicamente determinados.

Além de a produção de ideias e das representações incidirem sobre a atividade material do homem, é preciso considerar que os fenômenos superestruturais podem assumir supremacia na determinação da forma das lutas históricas. O materialismo histórico é a aplicação dos princípios do materialismo dialético ao campo da história. E, como o próprio nome indica, é a aplicação da história por fatores materiais, econômicos e técnicos.

Na construção de sua teoria, Marx (1983) utiliza o método dialético, proposto basicamente porque a dialética, em sua forma racional, como ele a usa, é crítica e revolucionária, possibilita perceber que a realidade é complexa, na relação dialética homem-trabalho-natureza, denominada por ele de práxis.

O ponto de partida dessa teoria é a consideração de que os fenômenos materiais são processos. Tal mudança de enfoque, em relação aos outros modelos teóricos existentes à época, tornou-se possível porque, no século XIX, as ciências descobriram novas formas de movimento, além do movimento mecânico da

simples mudança de lugar, de deslocamento, da descoberta da transformação da energia, da evolução das espécies, entre outras. Essas novas características indicam a possibilidade de mudança qualitativa.

O mundo não é uma realidade estática, mas dinâmica, um conjunto de ações. Por isso, a abordagem da realidade precisa ser pensada de maneira dialética e considerar os fatos na sua dependência recíproca e não apenas linear.

Teoricamente, essa dialética se justifica pelo fato de que, para estudar a sociedade, segundo Marx (1983), deve-se partir da forma/maneira como os homens produzem os bens materiais necessários à sua vida. Trata-se, então, de analisar o contato que os homens estabelecem com a natureza para transformá-la por meio do trabalho e as relações entre si, descobrir como eles produzem suas vidas e suas ideias.

Assim, uma vez adotada a concepção materialista, conforme Triviños (1987), logo se apresentam três características importantes: a) primeira delas é a materialidade do mundo, ou seja, todos os fenômenos, objetos e processos, na realidade, são materiais; b) a segunda característica do materialismo ressalta que a matéria é anterior à consciência: quer dizer, a consciência é um reflexo da matéria, pois esta existe objetivamente e se constitui numa realidade objetiva; e, c) para o materialismo, o mundo é conhecível: assim o homem pode conhecer a realidade que se desenvolve gradualmente e ele é capaz de conhecer os aspectos quantitativos, a essência e a causa do objeto.

Ao estabelecer as três categorias para a dialética, Marx (1983) apresenta a matéria, a consciência e a prática social intimamente ligadas ao problema fundamental da filosofia, que é a ligação entre matéria e ideia, formadas no desenvolvimento histórico do conhecimento e na prática social.

Como categorias filosóficas, teoria e prática designam os aspectos espiritual e material da atividade objetiva, histórica e sociológica dos homens: conhecimento e transformação da natureza e da sociedade. Para o materialismo dialético, a prática é toda a atividade material, orientada a transformar a natureza e a vida social.

Com base no exposto, consideram-se as representações cartográficas como recursos didáticos de Geografia, aquilo que vem em

decorrência dos procedimentos estudados e analisados na dinâmica espacial, mormente o que vem se destacando nas últimas décadas por meio da Linguagem Cartográfica. Cujo propósito é de compreender como ela se apresenta para registrar, comunicar e representar a paisagem geográfica. Assim, portanto, é por isto que este é o tema central desta pesquisa: o estudo das representações cartográficas, mapas, para ensinar Geografia no Ensino Fundamental.

A intenção foi organizar um grupo de professores de Geografia, atuantes, para esta primeira fase diagnóstica. Como trabalhou-se pela forma voluntária foram sete os entrevistados, sujeitos da amostra. Foi possível contar com sete professores fornecedores de dados.

Os dados recolhidos foram sistematizados e organizados em forma de atividades que compuseram um caderno de material didático alternativo. Como é impossível apresentá-lo neste artigo, optou-se por trazer apenas uma amostra de um mapa sugerido e avaliado por eles. Construído como um mapa base para que eles possam realizar atividades de relevo, trabalhar a hipsometria, dos continentes, alguns dos conteúdos trabalhados, por eles, no nono ano.

Foram realizadas as matrizes dos seis continentes. Por questões de espaço, neste artigo, será apresentado, na sequência, o mapa base do continente americano. Mas todos os mapas oportunizam além do relevo, trabalhar aspectos sociais de relevância. A sugestão melhor avaliada foi a elaboração da hipsometria com a utilização do E.V.A. Considera-se para cada cor de cota, no mapa, a mesma cor correspondente para o E.V.A. Para esta atividade, sugere-se que o mapa base, a seguir, seja ampliado conforme o interesse.

Com ênfase na linguagem cartográfica, no princípio da Cartografia enquanto ciência e com o propósito de conduzir didaticamente a construção e a interação de mapas, se respeita as regras básicas da representação gráfica e o conteúdo é o principal elemento a ser considerado no mapa.

Ao mesmo tempo, se trata de trabalhar a linguagem cartográfica com apoio na concepção histórico-crítica da educação, com respaldo em Saviani (2005) e com base cognitiva na teoria vygotskyana, por entender que o conceito

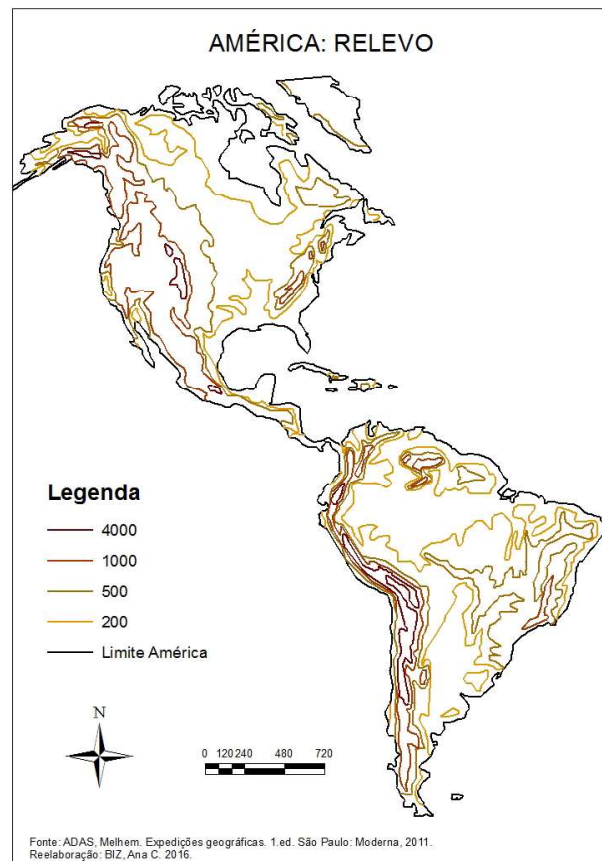


Fig. 1 - Mapa hipsométrico do continente americano.

materialista dialético no âmbito da psicologia reflete a ação do sujeito humano como ser social em relação com a realidade externa – relação mediatizada pela transformação da própria realidade. O que implica em mudanças nas formas de representar a realidade e dos meios para este fim.

Assim foi realizada a primeira fase da pesquisa, diagnóstica, com os professores de Geografia (voluntários) que atuam no 9º ano das escolas públicas de Francisco Beltrão, da área urbana; um professor de cada escola, contemplados sete sujeitos – os quais foram identificados por letras, respectivamente ocorreu de ser um de cada estabelecimento de ensino. Foram identificadas várias necessidades relacionadas ao trabalho com mapas para ensinar Geografia no Ensino Fundamental, principalmente de mapas temáticos dos conteúdos do ano de ensino. Isto reafirma a importância da Cartografia Escolar e de pesquisas correlacionadas com o mapa como recurso didático mediador no ensino de Geografia. Embora se perceba que isto não é de agora.

3. A IMPORTÂNCIA DA CARTOGRAFIA ESCOLAR E O ENSINO DE GEOGRAFIA

Historicamente, a importância de estudar Geografia e, paralelamente, de dominar o assunto sobre mapas, deu-se, segundo Capel (1981), de forma acelerada após 1870, quando os franceses, após serem derrotados pelos alemães, sentiram a falta do conhecimento geográfico e promoveram reformas no ensino, especialmente no ensino primário, com a obrigatoriedade de realizarem excursões geográficas, estudando-se previamente os mapas e realizando croquis.

Há reconhecimento de que o conhecimento dos lugares se dá mediante o entendimento das suas representações, do seu desenho. Como se sabe, as representações gráficas se originam da necessidade de fornecer informações práticas para a localização das pessoas em seu próprio território e para o seu seguro e adequado deslocamento nesse território e nos demais territórios circundantes.

No século XX, ao ensino de Geografia coube conteúdo já definido, priorizando a análise positivista que ganhou espaço nessa ciência, como o estudo da Terra nos seus aspectos físicos, culturais, econômicos e políticos. O mapa passa, então, a ser trabalhado como figura ilustrativa sem relação com o lugar, nem com o conteúdo ensinado.

O conteúdo cartográfico vai ficando cada vez mais ausente, sendo observada uma queda no uso dos mapas no ensino da Geografia, mesmo que a sua necessidade seja admitida. Com a Geografia Crítica, retoma-se a discussão sobre a importância do ensino pelos mapas, sendo essa atividade didática vista como essencial para a condução do ensino geográfico.

No decorrer da história, os sujeitos usaram o espaço para a sua sobrevivência e assim registram seus feitos, a tecnologia era rudimentar e representavam com os recursos que tinham. Mas, não deixaram de registrar. Sujeitavam-se a caminhar longas horas em busca de melhores lugares, caminhadas descritas, por muitos deles, através de símbolos e sinais, que compunham para imitar o espaço de vida.

Assim, sabe-se que as representações do espaço não são obras da atualidade. No Brasil, os indígenas, primitivos habitantes, nos fins do século XVI já traçavam cartas dos rios e seus

afluentes. Essas cartas orientaram as primeiras expedições dos portugueses pelo território brasileiro.

As últimas décadas testemunham o desenvolvimento da educação cartográfica. Enfatiza-se a afinidade na relação entre o cartógrafo e o usuário a partir da observação da realidade. Percebe-se, portanto, crescente o número de pesquisas nessa linha e em especial no ensino de Cartografia.

Os conhecimentos cartográficos, necessários à vida cotidiana, são adquiridos em sala de aula e no contexto histórico do espaço geográfico vivido (espaço-tempo). Há necessidade de representar esse método de maneira que possibilite a produção de conhecimento para a vida social. Isto é muito significativo, porque como bem marca Lacoste (1981), o modo como os geógrafos falam de sua disciplina dá muito pouco lugar aos problemas da Cartografia, que é habitualmente considerada como uma técnica (ou uma ciência) nitidamente separada e distinta da Geografia.

Ou, como a importância dada por Robinson (1995) que define a Cartografia como um conjunto de atividades em que a apresentação e o uso de mapas são assuntos de interesse básico. Isso inclui ensinar como usar mapas, estudar a história da Cartografia. Coletar e manipular dados, apresentar a concepção e preparar mapas, cartas, plantas e atlas, além da coleção e da catalogação de mapas referentes a acervos bibliográficos.

No que se refere à representação do espaço geográfico, a apropriação da linguagem cartográfica é um aspecto de relevante importância quando se trata de pensar na educação do indivíduo habilitado a participar da interlocução e da comunicação de sua época.

4. A RELAÇÃO DAS REPRESENTAÇÕES CARTOGRÁFICAS NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

A aprendizagem sistematizada se caracteriza pelo desenvolvimento das ações físicas e mentais, ações essas que, conduzidas pelo procedimento de ensino, culminam com o conhecimento. Ou seja, a ação intencional do ensino criará condições para que, a partir da ação do sujeito, ocorra a aprendizagem e, conseqüentemente, mudança de comportamento.

Assim, ocorre adequadamente o processo de ensino-aprendizagem, quando se pode: (i) aprender fatos, conceitos, princípios, entre outros conhecimentos sistematizados (saber); (ii) observar fatos, extrair conclusões, dominar procedimentos, usar adequadamente os sentidos, manipular objetos e instrumentos, entre outras habilidades e hábitos (saber fazer); (iii) resolver problemas assertivamente e utilizar nossas convicções, valores e senso crítico nos momentos de tomadas de decisão (querer fazer). Contudo, a aprendizagem significativa só ocorre, efetivamente, quando o professor, mediante o processo intencional de ensino, cria condições para que o aluno opere físico, mental e emocionalmente sobre o objeto do conhecimento, apropriando-se dele (processo de assimilação ativa).

Os mapas, durante muito tempo, foram considerados como o principal meio para o ensino de Geografia, porém, nos currículos escolares, não eram explicitados e, nas práticas pedagógicas, poucos detalhes apareciam a esse respeito. Algumas menções eram feitas às questões de localização e orientação de alguns locais, cidades, fato. Já nos PCNs de Geografia para o 3º e 4º ciclos (6º ao 9º ano) foi definido, como o eixo 4, que a Cartografia deve ser instrumento na aproximação dos lugares e do mundo, pela abordagem da linguagem cartográfica. Isso, porém, por si só, não é garantia de que a Cartografia Escolar será contemplada.

É necessário esforço contínuo em busca da construção desse aprendizado. Por isso, a proposta de elaboração de material de apoio didático será sempre bem aceita pelo professor, quando se trata de trabalhar com mapas. O Livro Didático, por mais mérito que tenha, não contempla as realidades específicas, por isto o professor precisa de complemento paradidático. Considera-se que para isto se discutirá essas questões com professores e demais interessados em desenvolver atividades relacionadas com a representação e com o conhecimento do espaço.

Uma das questões que nos parece bem importante está relacionada à dificuldade apresentada por professores e alunos em trabalhar os conteúdos de Cartografia, em todos os níveis de ensino, especificamente com as atividades de ensino-aprendizagem de mapas. Verifica-se que

há muita insegurança por parte do professor ao se propor trabalhar pedagogicamente o assunto mapas enquanto recurso didático. Isso decorre de problema na própria formação do professor e da pedagogia positivista que ainda paira em alguns cursos de graduação em Geografia, nos quais a Cartografia é tratada estritamente enquanto técnica e desvinculada do contexto sociocultural.

A Cartografia Escolar ainda não está constituída, especificamente como conteúdo didático, nas escolas, embora seja o rumo norteador do ensino de Geografia, ainda que muitos pesquisadores e professores estejam galgando por este mérito e reconhecimento nacional e internacional com trabalhos desenvolvidos nessa área. A Cartografia está, a cada dia, ocupando melhor o seu lugar proeminente no currículo escolar, pelo seu alto valor para o conhecimento do contexto social — conhecimento fundamental aos cidadãos, segundo o entendimento do materialismo histórico.

À medida que a Cartografia Escolar vem ganhando importância no currículo, ela aumenta o interesse do professor. Por isso, se objetiva cada vez mais abordar, discutir e fundamentar teoricamente e oferecer sugestões de atividades práticas de ensino, referentes à iniciação cartográfica, tais como os conceitos fundamentais da linguagem cartográfica, em especial mapas temáticos locais, da região e do município, mas também mapas do mundo (mapas-múndi), através de sugestões de atividades pelos próprios professores.

Os mapas geográficos escolares podem ser trabalhados didaticamente como instrumentos pedagógicos privilegiados quando o enfoque curricular se volta para o espaço local. A necessidade de construir mapas temáticos locais e a importância de discutir práticas escolares com o uso desses materiais didáticos são os principais temas que precisam de atenção dos que trabalham com esta área de conhecimento. O enfoque para as experiências desenvolvidas com a participação de professores de Geografia do Ensino Fundamental é primordial.

Alguns aspectos se evidenciam quando se discute o ensino de Geografia com os professores. Eles costumam fazer os seguintes questionamentos:

— Como trabalhar com o mapa na sala de aula?

— Qual é o assunto que melhor situa a utilização dos mapas?

— Como estudar os conceitos de orientação e de localização?

Na verdade, a preocupação com o ensino da orientação e da localização não é recente. La Blache (1945) já expressava tal preocupação, afirmando que, se ele tivesse que ensinar Geografia às crianças de uma escola primária, então ele, provavelmente, se dedicaria primeiramente a ensinar-lhes a se orientarem — ao que acrescentamos ensinar-lhes a se orientarem em seu bairro, em sua cidade, em sua região... e assim por diante, até o mapa-múndi e mapas astronômicos de localização do nosso planeta.

As representações cartográficas possibilitam estudar a realidade num curto espaço de tempo, sem perder com isso os atributos necessários ao estudo do espaço geográfico. O desenvolvimento do poder sobre o espaço produziu uma diferenciação das formas de utilização e das representações. O mapa é uma das representações cartográficas que está cada vez mais sendo aperfeiçoada e que cumpre importante papel nos procedimentos de ensino-aprendizagem de Geografia. Daí a necessidade de o professor, no contexto, entender tais representações.

O mapa, enquanto representação cartográfica, por princípio, visa oferecer subsídios para que o espaço real seja estudado de maneira abrangente, oferecendo condições de propiciar o entendimento, a compreensão da localização e a orientação, categorias essenciais para o estudo do espaço geográfico. Como se pode conceber pelas afirmações a seguir:

O ensino da geografia deve priorizar a análise do espaço vivido e as práticas do espaço percebido, transpondo-as para as representações do espaço concebido. Devemos conhecer a psicogênese das operações e representações do espaço-temporal assim como suas questões socioespaciais (CALLAI, 1998, p. 79).

Há que se destacar que o material didático, nessa área, especialmente o material que auxilia o professor, ainda é bastante restrito, necessita, na maioria das vezes, que se faça a opção por construí-lo na escola, junto com os alunos. Outro fator de dificuldade é que as mudanças

geopolíticas, no país e no mundo ocorrem com frequência, assim exigindo a atualização cartográfica dos materiais impressos ou virtuais enviados às escolas. Porém a falta de recursos financeiros nos orçamentos educacionais geralmente dificulta que essa renovação dos materiais aconteça mais oportunamente.

Como se sabe, o objeto de estudo da ciência geográfica é o espaço socialmente produzido e representado, o que, obviamente, provoca mudanças, previsíveis ou não. Segundo Alves (1984), o espaço geográfico é o espaço natural apropriado e modificado pelo trabalho social do homem e em permanente transformação. A importância do seu estudo advém da explicação de um fato ou fenômeno, o qual nos fornece oportunidade para a análise e a investigação de como a sociedade ocupa, organiza e transforma o espaço.

Para que se possa analisar um espaço há necessidade de se entender como a sociedade o constrói e o reconstrói. Como ela se relaciona para produzir, consumir, circular e como os sujeitos pensam esse espaço, tendo em vista perspectivas emancipatórias de sobrevivência harmoniosa.

Ao pensar assim, o ensino da Geografia procura desenvolver no aluno a capacidade de observar, interpretar, analisar e pensar criticamente a realidade para melhor compreendê-la e identificar as possibilidades de transformação, no sentido de contribuir para a construção da cidadania.

A relação homem-meio, tão trabalhada na Geografia, é, na verdade, uma relação de necessidade, de trabalho. É nesta relação que o sujeito se constrói e, ao mesmo tempo, constrói seu espaço de vivência. Essa construção é social e, portanto, está intimamente ligada à forma como os homens se relacionam entre si na formação da sociedade.

O conhecimento de diferentes tipos de representações do espaço geográfico, no Ensino Fundamental, é de extrema importância. Existe um paralelo entre as regras de construção e de produção da linguagem cartográfica e o problema epistemológico da representação gráfica do espaço, ou seja, a relação entre o real e a sua representação.

As diferentes situações de ensino-aprendizagem planejadas pelo professor

necessitam contemplar o maior número possível de aspectos para desenvolver as capacidades cognitivas. Para tal, importante se faz considerar o saber fazer, como localizar fontes, observar, descrever, registrar, documentar, interpretar, explicar, sintetizar, além de apresentar conceitos, fatos, princípios, problematizar, assumir posturas e construir suas representações.

5. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

As Diretrizes Curriculares Orientadoras da Educação Básica para a Rede Estadual de Ensino (DCEs) deram base ao Caderno de Expectativas de Aprendizagem e assim fortalece a Geografia Crítica como linha teórica e o espaço geográfico como objeto de ensino e de estudo.

Os conceitos, as categorias básicas da Geografia passaram a ser identificadas como as categorias principais de ensino e definidas, como paisagem, sociedade, território, natureza, lugar e região, que orientam as discussões dos conteúdos estruturantes, básicos e específicos. Para tanto, elas norteiam a abordagem dos conteúdos, para possibilitar, aos alunos, o seu entendimento. Além dos conceitos básicos, as relações presentes nas categorias de análise Sociedade-Natureza e Espaço-Tempo são necessárias à compreensão dos conteúdos.

Como proposto no documento das DCEs de Geografia, a linguagem cartográfica corresponde a um suporte para o entendimento dos conteúdos geográficos, portanto essa linguagem é utilizada para promover a compreensão da espacialização dos fatos e dos fenômenos em diferentes escalas geográficas perante os alunos e a comunidade científica (PARANÁ, 2012).

Durante três meses de pesquisa, com entrevista com os professores e troca de informações, cada vez mais ficaram acentuadas as necessidades relacionadas ao trabalho com mapas. Dentre as dificuldades em trabalhar Geografia com mapas, eles apresentaram respostas como: “Em encontrar mapas com temas diferentes, na mesma escala” (Professor A); “Encontrar mapas de qualidade e atualizados do estado e do município” (Professor B); “Ainda o custo é alto para a reprodução de mapas, por exemplo: país, continente, região, município...” (Professor C); “Faltam mapas para trabalhar na escola” (Professores D, E e F); “Falta tempo para preparar atividades com mapas” (Professor G).

As razões apresentadas pelos professores permitem considerar que a linguagem cartográfica ainda não está sendo apreendida como deveria. Enquanto o professor não consegue tempo nem condições para trabalhar com mapas, o aluno não se tornará leitor desses materiais, essenciais para a sua formação acadêmica. A relação pedagógica que se apresenta está fragilizada no que tange à teoria proposta na prática que baliza a educação geográfica. Evidencia-se, assim, que o suporte para o ensino de Geografia fica direcionado pelo e para o conteúdo do livro didático. Isso não é novidade e é profundamente desviante do direcionamento proposto como correto.

Sobre a maior dificuldade em trabalhar com mapas, os professores afirmam: “Os alunos têm dificuldade para identificar, no mapa, os elementos físicos, como relevo, hidrografia e clima” (Professor A); “Os conteúdos são trabalhados no âmbito do país” (Professor B); “Os alunos não dominam os conceitos de localização e de orientação espacial” (Professor C); “Os conteúdos são complexos e os mapas não trazem explícito o que necessitamos” (Professor D); “Os alunos estão numa fase difícil e levam tudo na brincadeira” (Professor D); “Há carência de material didático” (Professor F); “Falta tempo para preparar a atividade” (Professor G).

Outros aspectos considerados pelos professores são referentes à falta da leitura do mapa pelo aluno e, no 9º ano, isso fica ainda mais significativo. Se os alunos não conseguem identificar o conteúdo proposto no mapa, então esse recurso não tem nenhum sentido para ele e nem para o ensino. Quando só se tem mapas que tratam do conteúdo geral, no âmbito do país, e o professor não consegue trazê-lo para a realidade do aluno, o professor também não se tornou leitor, nem autor, uma vez que não adquiriu autonomia para lidar com essas representações. Os conteúdos do mapa são tão complexos quanto os conteúdos do texto, por exemplo. Há de se ter preparação e conhecimento para decodificar os significados.

Agregada a esses fatores ainda se encontra a dificuldade em lidar didaticamente com o ensino em sala de aula, onde a relação professor-aluno-conhecimento apresenta descontentamento por parte do professor, pois não se sente sujeito reconhecido em sua função de ensinar. A situação culmina ainda com a falta de tempo para preparar

as aulas. Tudo isso demonstra que a prática de ensino se apresenta com necessidades básicas de mudança, dentre a relacionada ao trato mais didático da temática dos mapas como recursos de linguagem.

Os professores, sujeitos da pesquisa, chegam a mencionar que há necessidade e deficiências em todos os conteúdos de Geografia para trabalhar com mapas. Ao mesmo tempo, em que citam principalmente para trabalhar com localização e orientação, o que efetivamente requer atenção, pois esses conteúdos fazem a função principal e básica dos mapas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, R. D. de. **Do desenho ao mapa: iniciação cartográfica na escola**. São Paulo: Contexto, 2001. (Caminhos da Geografia), 224p.
- ALVES, G. L. Mato Grosso e a história – 1870-1929: ensaio sobre a transição do domínio econômico da casa comercial para a hegemonia do capital financeiro. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, n. 61, 2.semestre, 1984, pp. 5 – 81.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 10.ed. São Paulo: Annablume; Hucitec, 2002, 193p.
- BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Coordenação de Educação Ambiental/Gabinete do Ministro. **Programa Nacional de Educação Ambiental - PRONEA**. Brasília: MEC/UNESCO, junho de 1997, 105p.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais; Geografia (5ª a 8ª séries). Brasília, MEC/SEF, 1998.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais; História e Geografia (1ª a 4ª séries)**. Brasília, MEC/SEF, 1997, 156p.
- BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998, 157p.
- BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para o ensino fundamental 1º e 2º ciclos**. Brasília: MEC/SEF, 1998, 158p.
- CALLAI, H. C. (Org.). **Geografia em sala de aula**. Porto Alegre: Associação dos Geógrafos Brasileiros – Seção Porto Alegre, 1998, 234p.
- CAPEL, H. **Filosofia y ciencia en la geografía contemporánea: una introducción a la Geografía**. Barcelona: Barcanova, 1981, 477p.
- FRANCISCHETT, M. N. **A cartografia no ensino de geografia - construindo o caminho do cotidiano**. Rio de Janeiro: Litteris Ed. KroArt, 2002, 151p.
- FRANCISCHETT, M. N. Localização através de mapas. **Faz Ciência: Revista de Ciências Humanas** - Fundação Faculdade de Ciências Humanas de Francisco Beltrão: Facibel, v. 3, n.1, Cascavel, PR: Edunioeste, 1998, pp. 9-22.
- FRANCISCHETT, M. N.. **A cartografia no ensino de geografia – a aprendizagem mediada**. Cascavel, PR: Edunioeste, 2004, pp.18-30.
- LA BLACHE, V. de. A geografia na escola primária. **Boletim Geográfico**, ano I, n. 01, 1943, pp. 67-83.
- LACOSTE, Y. **A Geografia: isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**. Campinas: Papirus, 1988, pp.121-151.
- MARTINELLI, M. **Curso de cartografia temática**. São Paulo: Contexto, 1991, pp. 45-62.
- MARTINELLI, M.. **Cartografia temática: caderno de mapas**. São Paulo: Acadêmica, 2003, pp. 15-17.
- MARX, K. **O Capital**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983, 574p.
- OLIVEIRA, L. de. **Estudo metodológico e cognitivo do mapa**. Tese de Livre Docência. Rio Claro, São Paulo, 1978, pp.18-58.
- PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: **História e Geografia**. Secretaria de Educação Fundamental, V. 5. Brasília: MEC/SEF, 1997, 156p.
- PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Caderno de expectativas de aprendizagem (Departamento de Educação Básica)**. Curitiba: Seed/DEB-PR, 2012, 121p.
- PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica**. Curitiba: Seed/DEB-PR, 2008, 100p.

ROBINSON, J. HARUCHA, C. MOORE, J. and Bala Sundaram, Phys. **Revista Lett.** 74,1995, pp.39-63.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica:** primeiras aproximações. 9.ed., Campinas, SP: Autores Associados, 2005, 153p.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987,174p.

VYGOTSKY, L. S. **Psicologia pedagógica.** Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2001, 140p.